

**HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO HUMANA E DO USO DA NATUREZA NA
MICROBACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SAGRADO (MORRETES,
PARANÁ, BRASIL)**

Gilberto Friedenreich dos Santos¹
Lizandro Nunes Fernandes²
Cristiane Mansur de Moraes e Sousa³
Martin Stabel Garrote⁴

Resumo

A pesquisa trata das relações sociedade e natureza nas comunidades de Rio Sagrado de Cima, Canhembora, Brejumirim e Candonga, microbacia hidrográfica do Rio Sagrado, município de Morretes, Paraná. Das 520 famílias, 270 são residentes, predominando pequenos proprietários rurais, e 250 são não-residentes. A localidade pertence à Área de Preservação Ambiental (APA) de Guaratuba, que é uma Unidade de Conservação Estadual. O objetivo do presente artigo é compreender o processo histórico de ocupação humana e de uso dos recursos naturais pelas comunidades através da abordagem da história ambiental. A partir do uso da metodologia da História oral, foram realizadas cinco entrevistas com moradores mais antigos das comunidades, que permitiram resgatar lembranças e fatos históricos. Os primeiros habitantes da região de Morretes foram os índios tupis-guaranis e os carijós, que tiveram os contatos com os colonizadores, sendo esses, primeiro os portugueses e depois os espanhóis, os quais determinaram o modelo de desenvolvimento econômico explorando recursos naturais. A ocupação efetiva da microbacia começa no século XIX, e explorada em função da sincronia com relação aos ciclos econômicos regionais, como exemplo, na década de 1970 e 1980 com a exploração madeireira. Inicialmente a caça foi primordial para subsistência das comunidades e posteriormente intensificada para o comércio. Estas interferências antrópicas reduziram a biodiversidade da região.

Palavras-chave: História Ambiental, História Oral, Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado.

¹ Universidade Regional de Blumenau, Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Professor do Departamento de História e Geografia, Grupo de Pesquisa de História Ambiental do Vale do Itajaí (coordenador)

² Universidade Regional de Blumenau, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Curso de Administração de Empresas, Bolsista de Iniciação Científica PIPE, Artigo 170

³ Universidade Regional de Blumenau, Centro de Ciências Tecnológicas, Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo

⁴ Universidade Regional de Blumenau, Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Grupo de Pesquisa de História Ambiental do Vale do Itajaí (pesquisador)

História da ocupação humana e do uso da natureza na Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado (Morretes, Paraná, Brasil)

Gilberto Friedenreich dos Santos, Lizandro Nunes Fernandes, Cristiane Mansur de Moraes e Sousa, Martin Stabel Garrote.

1. Introdução

A microbacia hidrográfica do Rio Sagrado localiza-se no município de Morretes, Estado do Paraná (Figura 1). Na referida microbacia as comunidades de estudo de Rio Sagrado de Cima, Canhembora, Brejumirim e Candonga (Figura 2), totalizando 520 famílias, sendo 270 famílias residentes, predominantemente de pequenos proprietários rurais, e 250 famílias não residentes (FALK, 2009). As comunidades situam-se a montante da microbacia, abrangendo as áreas mais íngremes do Rio Sagrado e caracterizada por inúmeras nascentes.

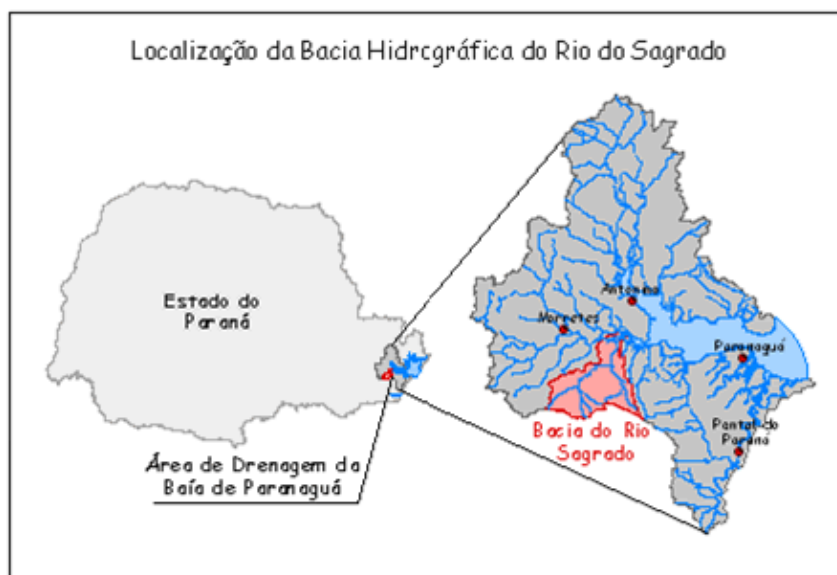


Figura 1- Mapa do Estado do Paraná com destaque para a área de drenagem da microbacia do Rio Sagrado (Fonte: Associação do Desenvolvimento de Meio Ambiente e Defesa de Antonina – PR, <http://www.ademadan.org.br>)

As comunidades provavelmente interagiram de forma diferenciada com a natureza ao longo do tempo, explorando os recursos naturais e provocando impactos ambientais em diferentes graus de intensidade. Em relação aos aspectos socioeconômicos atuais, conforme Alves (2008), as comunidades buscam mecanismos de adaptação na tentativa de superação de crises econômicas, baseando-se principalmente em atividades econômicas apoiadas na agricultura familiar, sobretudo na pluriatividade como agroindustrialização, artesanato com fibras naturais (bananeira e cipó imbé) e o turismo comunitário e solidário, consolidando-se atualmente um arranjo socioprodutivo de base comunitária.

História da ocupação humana e do uso da natureza na Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado (Morretes, Paraná, Brasil)

Gilberto Friedenreich dos Santos, Lizandro Nunes Fernandes, Cristiane Mansur de Moraes e Sousa, Martin Stabel Garrote.

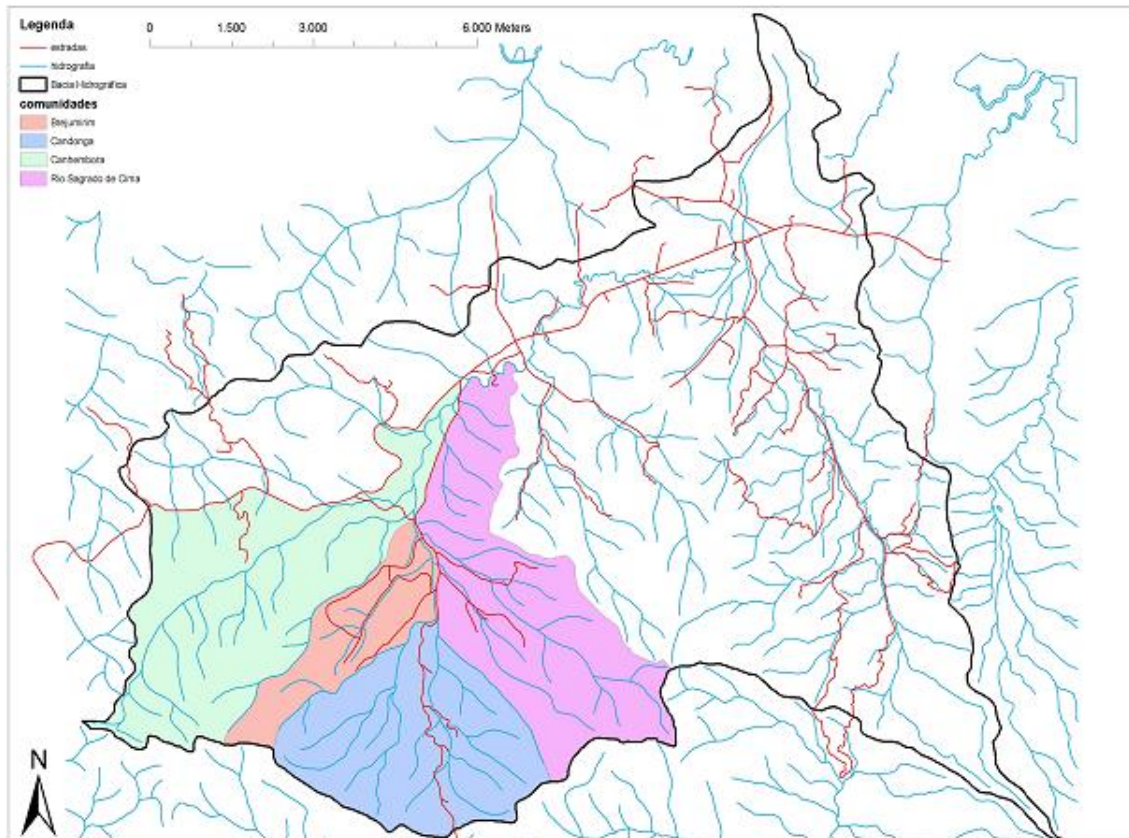


Figura 2 - Mapa de localização das comunidades na microbacia hidrográfica do Rio Sagrado (Fonte: Souza, Refosco, Santos, Aumond, Silva Júnior e Grimm, 2010).

As atividades econômicas atuais revelam que a subsistência da comunidade local ainda depende em muito do uso direto dos recursos naturais. A crise ambiental destacada a partir dos anos 60 tornou possível a discussão de que não se poderia mais pensar na sociedade humana sem uma ancoragem no mundo natural.

Na microbacia do Rio Sagrado, as comunidades através de suas interações com a floresta produziram ao longo do tempo um rico acervo de conhecimentos sobre a exploração e domesticação do natural. A análise histórica nos permite compreender as diferentes formas como as comunidades constituíram sua colonização na região, interagindo com a Floresta Atlântica, explorando-a e modificando-a conforme a aculturação imposta pelos primeiros imigrantes e colonos na região. A identificação das influências antrópicas na história da colonização das comunidades e da APA de Guaratuba, dos elementos extraídos da biodiversidade, as formas de utilização, assim como as conseqüências destes atos ao meio ambiente (sociedade e natureza), contribui

História da ocupação humana e do uso da natureza na Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado (Morretes, Paraná, Brasil)

Gilberto Friedenreich dos Santos, Lizandro Nunes Fernandes, Cristiane Mansur de Moraes e Sousa, Martin Stabel Garrote.

para o conhecimento sobre os usos da natureza no passado para no presente gerar o desenvolvimento da região sustentavelmente.

“A localidade pertence à Área de Preservação Ambiental (APA), de Guaratuba que é uma Unidade de Conservação Estadual de uso sustentável instituída pelo Decreto Estadual nº 1.234 de 27/03/92” (OLIVEIRA e SARNEY, 2000 *apud* HENRÍQUEZ e MANSUR, 2010).

No Brasil, o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) é o conjunto de unidades de conservação (UC) federais, estaduais e municipais instituído pela lei Nº 9.985, 18 de julho de 2000, tem trazido resultados consideráveis, representando benefícios aos órgãos públicos e a gestão que controlam estas unidades de conservação. Esta lei estabeleceu mecanismos que possibilitou a problematizar a ação humana, propiciando adequada preservação dos biomas remanescentes. Considerando estes naturais e culturais (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2006). Em seus 199.586 hectares, compreende boa parte do litoral centro-sul do estado do Paraná, da região da Serra do Mar e uma porção do Primeiro Planalto. No município de Guaratuba a APA abrange uma área de 65,61%, seguido pelos municípios de São José dos Pinhais (11,25%), Tijucas do Sul (9,24%), Morretes (6,43%), Paranaguá (5,69%) e Matinhos (1,78%) (GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ, 2006 *apud* FEUSER e MANSUR, 2010).

O território denominado Rio Sagrado, assim como a APA de Guaratuba e grande parte do litoral brasileiro, hospeda grande parte da Floresta Atlântica Brasileira. Segundo Alvarez (2008) ao falar de diversidade da Mata Atlântica, surge a denominação “Floresta Ombrófila” (ombro = sombra; fila = amiga) densa. A microbacia do Rio Sagrado é protegida pela Serra do Mar, que separa a costa do primeiro planalto do Paraná. Muitos rios nascem e desembocam neste território, as temperaturas são altas (com uma média de 25°C) e apresentam uma elevada precipitação, tendo uma umidade relativa do ar superior a 80% em todos os meses do ano, sendo fevereiro o mês mais chuvoso (ALVAREZ, 2008). As declividades íngremes são favoráveis à ocorrência de enxurradas em períodos de intensa pluviosidade, propícias à erosão das vertentes.

História da ocupação humana e do uso da natureza na Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado (Morretes, Paraná, Brasil)

Gilberto Friedenreich dos Santos, Lizandro Nunes Fernandes, Cristiane Mansur de Moraes e Sousa, Martin Stabel Garrote.

Com relação aos aspectos socioculturais e socioétnicos, a microbacia propiciou no passado a possibilidade de modos de vida de comunidades indígenas (Tupis, Guaranis e Carijós, entre outros), africanos e europeus (colonizadores alemães e italianos) (Alvarez, 2008).

O estudo teve como objetivo central compreender o processo histórico de ocupação humana e de uso dos recursos naturais pelas comunidades através da abordagem da história ambiental que estuda a relação do ser humano com seu ambiente natural, fazendo com que reflita e questionem as causas que ao longo do tempo afetaram o seu ambiente.

A historiografia ambiental possibilitará conscientizar a população sobre a responsabilidade do uso adequado dos elementos da biodiversidade, como também possibilitar indicadores para a elaboração de novos projetos ou políticas públicas para o desenvolvimento sustentável das comunidades que vivem na microbacia hidrográfica do Rio Sagrado e na APA de Guaratuba.

2. Materiais e métodos

O estudo tem como principal metodologia a História Oral, através da aplicação de cinco entrevistas que coletaram a memória da história das comunidades e das relações sociedade e natureza presente nos moradores mais antigos e com conhecimento da história da região. Neste contexto Bosi (1994) afirma:

O resgate da memória de pessoas mais velhas, como os idosos, possibilita o resgate de memórias antigas sobre determinada história. Na memória dos idosos é possível encontrar uma história social bem definida, pois eles já passaram por certo tipo de sociedade com características bem marcadas e já viveram quadros de referência familiar e cultural também já conhecidos.

A História Oral contribui de maneira significativa para que possamos “contar a história” das comunidades, sendo que sobre as quais, as bibliografias são diminutas e as memórias de seus moradores ainda guardam lembranças desde o período da colonização, lembranças essas passadas e reconstruídas com categorias e olhares de cada geração.

A história oral com todas suas particularidades nos traz informações valiosas, e um bom entendimento sobre o contexto histórico de regiões e comunidades que – na maioria das vezes – não possui historiografia pertinente ou suficiente, caso da

História da ocupação humana e do uso da natureza na Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado (Morretes, Paraná, Brasil)

Gilberto Friedenreich dos Santos, Lizandro Nunes Fernandes, Cristiane Mansur de Moraes e Sousa, Martin Stabel Garrote.

microbacia do Rio Sagrado. Contudo, este procedimento contribui especialmente pelo contato direto com agentes de memória, pessoas que viveram determinados fatos, presenciaram mudanças econômicas ou sociais (MEIHY, 2007).

3. Resultados e discussões

Os primeiros habitantes foram os índios tupis-guaranis e os carijós, e que tiveram os primeiros contatos com os colonizadores, sendo esses, primeiro os portugueses e depois os espanhóis. No início do século XIX o território paranaense era mal povoado, com locais de difícil acesso, e desabitada inclusive em lugares mais próximo de Curitiba. Após o ano de 1850 com leis restritivas à entrada de africanos no Brasil; a obtenção de escravos africanos para o trabalho braçal ficava cada vez mais difícil, pelo fato da mão de obra ter custo alto para os senhores de terra, bem como ocupar as áreas despovoadas. Diante desta situação o governo brasileiro incentivou a entrada no país de imigrantes europeus (WACHOWICZ, 1968).

Segundo Wachowicz (1972, apud Alvarez, 2008), os primeiros habitantes do local foram os índios Guaranis e os Carijós, que deixaram pela região sambaquis. Wachowicz salienta: *“La región era rica en crustáceos y los indios carijós, que tenían aquí su sede, recolectaban los mariscos, los secaban y vivían para sus aldeas con alimentación suficiente para largo tiempo”*.

Em 22 de abril de 1877, foi fundada a Colônia Nova Itália, por imigrantes italianos retirantes da Colônia Alexandra em Paranaguá, dando início à evolução de diversos núcleos: América, Rio do pinto, Anhaia, Rio Sagrado, Sesmaria, Sítio Grande, Turvo, Zulmira, Ipiranga (NETO, 2005). Sobre a ocupação de descendentes italianos no baixo curso do Rio Sagrado no final do século XX o Sr. Aroldo⁵ comenta:

Essa italianada, seria mais fácil, eles começaram vim pra cá, em 1975 quando surgiram as primeiras famílias, Bonato, Strapazon começaram a vir nessa época.....Tudo família estruturada, tinha poder aquisitivo, vieram, compraram mais um pedaço de terra, além do que ele tinha lá. Isso pra nós aqui foi muito bom, houve uma mistura. Esse pessoal veio, se envolveu com o pessoal da região, acabou casando italianos com o caboclo daqui, e ficou na verdade um enriquecimento cultural aqui na região.

⁵ Aroldo Paulo da Silva Filho, 54 (cinquenta e quatro) anos, morador da localidade de Rio Sagrado de Cima, empresário.

História da ocupação humana e do uso da natureza na Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado (Morretes, Paraná, Brasil)

Gilberto Friedenreich dos Santos, Lizandro Nunes Fernandes, Cristiane Mansur de Moraes e Sousa, Martin Stabel Garrote.

De acordo com o Sr. Aroldo, eram famílias estruturadas e com razoável poder aquisitivo, viviam do cultivo de hortaliças na periferia de Curitiba-Paraná, compraram terras para cultivarem hortaliças como: alface, berinjela, pimentão, quiabo, abobrinha, chuchu, maracujá e tomate.

O significado do nome Rio Sagrado segundo os antigos, deve-se a um morro na região coberto de mata fechada e cipós que dificultava o acesso de pessoas, e quando o animal era perseguido pelo caçador ele se escondia neste local e passou a ser morro sagrado, e este morro passava perto do rio. Então, deu origem o nome Rio Sagrado.

Conforme comenta Aroldo: “os antigos aqui diziam é o seguinte: era o local onde a mata era fechada de cipós que inviabilizavam a entrada da pessoa ali, então, eles consideravam o morro sagrado. Então, porque digamos o bicho entrou ali então era difícil de você persegui-lo porque era [...] então, tornou-se ali passou a ser morro do Sagrado”.

Antigamente o trabalho na terra era muito árduo, as crianças quando voltavam da escola de alguma maneira ajudavam os pais na roça. A Sra. Mercedes⁶ recorda que com 8 (oito) anos, trabalhava com seus pais; seu serviço era colocar o bagaço da cana no cesto. Conforme diz: “Daí quando comecei a estudar eu ia para o engenho do outro lado do Pitinga, a gente não tinha engenho. Então ia lá para pegar bagaço, a minha mãe levava comida, minha roupinha lavava meu rosto e ia a pé para o Pitinga”, onde se localizava a escola.

Sra. Olga⁷ relata das dificuldades na época, da falta de variedades de alimentos na região. Precisava fazer compras em Morretes. Dependia da boa vontade das pessoas que utilizavam como meio de transporte carroças. Em sua opinião, atualmente a vida está melhor:

Hoje tá melhor né. Nós vivíamos só no pé velho daqui para Morretes, né. Até trazia as compras tudo nas costas de pé de Morretes, né. Agora não né! Uma carrocinhas que tinha meus tios, que tinha boteco por aí né, eles vinha de carro de cavalo (carroças) para Morretes, então, quando a gente fazia a compra lá, o que dava para trazer a compra da gente, a gente dava graças a Deus né. Nós vínhamos a pé, as coisas nas costas de Morretes.

⁶ Mercedes Latuff Freitas, 91 (noventa e um) anos, moradora da localidade de Rio Sagrado de Cima, aposentada.

⁷ Olga Pereira da Silva, 87 (oitenta e sete) anos, moradora da localidade de Rio Sagrado de Cima, aposentada.

História da ocupação humana e do uso da natureza na Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado (Morretes, Paraná, Brasil)

Gilberto Friedenreich dos Santos, Lizandro Nunes Fernandes, Cristiane Mansur de Moraes e Sousa, Martin Stabel Garrote.

O Sr. Olegário⁸ ao comentar também de como era a vida antigamente na região reforça: “Era muito difícil, né. Porque não tinha estrada, não tinha nada, tinha que puxar tudo nas costas [...], porque a estrada não tinha, né”.

O uso da terra era o fator principal de sobrevivência, devido à forte relação do homem com a natureza, plantava-se, banana, mandioca, mexerica, cana de açúcar e vendiam para o mercado interno e externo o excedente da produção. A preparação da terra para o plantio era feito de modo agrícola rudimentar, roçava-se, queimava-se e plantava-se. Para Woster (1991 p.8) essa agricultura chamada de rudimentar ou coivara, tem sido geralmente considerada não prejudicial ao ecossistema como um todo; com o tempo, o equilíbrio é restabelecido, mas em algum momento, à medida que se intensifica esse tipo de agricultura, a capacidade regenerativa da floresta é afetada permanentemente, e o ecossistema é prejudicado. Atualmente é possível encontrar ainda esse tipo de preparação da terra.

A Sra. Olga (2010) relata o processo que ela fazia antigamente para preparar a terra para o plantio:

Roçava né, os matos miúdos por baixo, tira esse mato grande, pau grande e derrubava com machado né, depois queimava, tirava aquele pau grande e picava tudo no machado e tirava fora pra lenha né, que nos gastava só lenha nesse tempo né, só lenha para cozinhar, assim que nos faziam.

Era comum na região o famoso puxirão⁹. Segundo a Sra. Olga: “eles faziam, nesse tempo, pinchirão¹⁰. Reuniam as comunidades e faziam, por exemplo: limpava esse pedaço inteiro aqui no dia de roçada, depois de limpo a terra cavada, plantava mandioca, cana, banana”. O Sr. Olegário reforça: “ele faz um convite, convida a turma, ele compra um boi e mata e faz cozida aquela carne, convida o povo, vinha trabalhar sem cobrar nada, ninguém ganhava nada, mas de noite tinha o baile”. Sra. Mercedes, costumava ir aos bailes, e explica a diferença da dança praticada no baile: “o fandango

⁸ Olegário de Sousa, 87 (oitenta e sete) anos, morador da localidade de Candonga, aposentado.

⁹ Segundo o dicionário babylon a expressão significa: auxílio mútuo que se dão aos vizinhos para as lides da roça, ou derrubadas de matos, colheita, raspagem da mandioca para o fabrico da farinha. O puxirão é uma reunião alegre, em que cada um leva os instrumentos que lhe pertencem para auxiliar o seu vizinho, que retribui tal auxílio com festas, bailes, comidas fartas, etc. é um procedimento que está na índole do povo. O mesmo que muxirom.

¹⁰ Os moradores da região usam o termo puxirão como pinchirão.

História da ocupação humana e do uso da natureza na Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado (Morretes, Paraná, Brasil)

Gilberto Friedenreich dos Santos, Lizandro Nunes Fernandes, Cristiane Mansur de Moraes e Sousa, Martin Stabel Garrote.

era o batido e a chimarrita era o bailado, os homens dançava o batido e as mulheres dançavam a chimarrita”.

O Sr. Olégario recorda com nostalgia do tempo dos bailes e das variadas danças:

Tudo! Era samba, valsa, baião e bolero. Era tudo quanto era música né, e fazia o baile e fazia o fandango. Daí aquilo era batido com o pé. Agora não tem mais batedor de fandango aqui, eles iam até ao Rio de Janeiro bater a turma daqui juntava, Curitiba mandavam eles para o Rio de Janeiro para fazer festa de fandango.

Atualmente, a agricultura de subsistência se reduziu na microbacia do Rio Sagrado, devido às constantes fiscalizações dos agentes ambientalistas, e forçaram a grande maioria sem muitos estudos a cuidar de chácaras.

Em torno de 25 anos começaram a surgir chácaras na região, em função da beleza do lugar e da sua proximidade de Curitiba-Paraná, atraíram essas pessoas a se instalarem na região. Segundo Aroldo, estipula-se em torno de 400 e 500 pequenas chácaras distribuídas na microbacia do Rio Sagrado que podem chegar até 10.000 a 20.000 m²:

O que aconteceu seguinte: com a fuga hoje em dia na cidade todo mundo tá procurando um cantinho no campo né, e a nossa região aqui, não sei se é entusiasmo meu, eu acho muito bonita a nossa região aqui. Com serras, uma topografia meio acidentada, mas não tanto, né! E muito irrigada de rios e de água natural, então, com a proximidade de Curitiba; muita gente de Curitiba tem chácaras aqui na região, pequenas chacarazinhas, coisa de 10 000, 20 000 m². O cara tem chacara para vir passar o final de semana aqui. Então uns tem casa na praia e muitos têm casas aqui. E onde que entra o povo do lugar? O povo do lugar como ainda não é dado tanta atenção para cultura e educação, o povo que não se prepara; acaba ficando aqui cuidando de chácaras. Então, hoje eu imagino que aqui na nossa região do Rio Sagrado deve ter fácil, 400 e 500 chácaras, e absorve a mão de obra daquele pessoal menos preparado que não tem grandes expectativas de vida, é cuidar de chacara!

Para o caboclo da região, conforme o relato, uma das opções é cuidar de chácaras devido a grande maioria não possuir uma formação ou qualificação profissional.

A existência de “condomínio”, localizada na comunidade de Brejumirin (figura 4.1), conhecido como condomínio Rio Sagrado (figura 4.2) é uma área que foi adquirida e toda loteada de chácaras (figura 4.3, e 4.4). Estima-se que tenha em torno de 30 chácaras com área de aproximadamente 10.000 m² cada. São propriedades particulares e de posse da grande maioria de habitantes de Curitiba.

Segundo Aroldo Paula da Silva Filho (2010):

História da ocupação humana e do uso da natureza na Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado (Morretes, Paraná, Brasil)

Gilberto Friedenreich dos Santos, Lizandro Nunes Fernandes, Cristiane Mansur de Moraes e Sousa, Martin Stabel Garrote.

Essa questão do pessoal vir; adquirir essas chácaras aí, começou a mudar a mentalidade de grande parte do pessoal que habita aqui, até do nosso caboclo nativo daqui, porque quem vem pra cá, vem com a ideia; a grande maioria de conservação da natureza. Então isso foi bom! Eles agem aqui como fiscais até da natureza, são pessoas de um nível de conhecimento bem acima do nosso povo aqui, então, eles vem acabam conscientizando. Porque: esse pessoal vai prestar serviços pra eles, e ver a preocupação que eles tem com uma árvore; um riozinho que não deve ser poluído com o lixo.

Na concepção do Sr. Aroldo com a chegada de pessoas de Curitiba, os que possuem chácaras influenciam para conservação do lugar, pois a grande maioria vem com mentalidade de conservar o lugar e com isso acaba educando o caboclo que administra a chácara, dando mais importância para o meio ambiente.

A exploração de árvores nativas na região foi intensa nas décadas de 1970 e 1980. Não havia empresas madeireiras da região, mas algumas provenientes de Colombo, Bocaiúva e Curitiba, aqui se instalaram. Antes deste período de intensa exploração pequenas famílias tinham como costumes retirar da floresta a madeira serrada à mão com o objetivo de obter lenha, gamelas da figueira, e também o pilão para socar o café, milho e arroz e construir a sua simples casa de madeira.

Espécies de árvores intensamente exploradas foram: a bocuva, gapiruvú, peroba, canela-imbuia, figueira, canela garuva, ipê e o araribá. Conforme Sr. Aroldo: “a primeira exploração que teve aqui, foi com a bocuva e com a gapiruvú, e depois sim, foi que baixou madeireira para todas outros tipos, que fosse madeira que tivesse bitola pra ser transformado em tábua e vigas foram levados”. Sr. Olegário reforça: “só madeira de lei como dizia naquele tempo, canela preta, peroba, araribá, cedro. Essas madeiras assim só e levava na carrocinha, puxava daqui com a carrocinha com dois cavalos, lá pra estação de trem de Morretes”.

Durante o ciclo da exploração madeireira na região a moto serra, tratores, caminhões e cabos de aço eram bastante utilizados pelas empresas, existindo todo um processo para derrubada das árvores. Segundo o Sr. Aroldo: “Eles faziam o seguinte: primeiro derrubavam um trecho de 50 árvores, transformavam em toras que interessavam, as galhadas ficavam lá. E depois começavam sacar elas com cabo de aço né, onde os tratores não podiam chegar, punham até um pequeno estradinho”.

Conforme o Sr. Olegário de Sousa (2010):

Vinha de lá e buscar aqui nos caminhões, tirava e levava para serrar lá. Eles fizeram a vida deles o pai e dos filhos que tem, são 4 filhos que o velho tem[...] depois tinha os 4 filhos, então tinha mais uns funcionários um para

História da ocupação humana e do uso da natureza na Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado (Morretes, Paraná, Brasil)

Gilberto Friedenreich dos Santos, Lizandro Nunes Fernandes, Cristiane Mansur de Moraes e Sousa, Martin Stabel Garrote.

derrubar a madeira e torar a tora tudo no jeito, tinha um tratorzinho de esteira; para puxar as toras até onde o caminhão pegava; já tinha estrada que dava pra puxar o caminhão, então, eles tiravam ali embaixo; tem aquelas porteira ali embaixo; por lá eles saíam. Depois como já queriam madeira do lado pra cá, eles queria tirar daqui, eles ficaram até meio bravo comigo; porque eu disse não; o meu terreno é estreitinho fica entre dois córregos; aí eu deixo vocês porem os caminhões pesados aí; o que sobra terra para mim plantar né.

Ainda de acordo com o Sr. Olegário, madeira boa não se encontra mais no Rio Sagrado e se recorda da firma de Curitiba, que se instalou na região. Essa empresa teve bastante lucratividade com a exploração de madeira. Possuía 76 aldeias espalhadas na região, esta empresa levava as madeiras para serrar em Colombo; município vizinho de Curitiba do estado do Paraná. Depois de um tempo o IBAMA descobriu que os funcionários que prestavam serviços para firma estavam derrubando árvores à beira do rio, e os paus e galhadas o córrego levou ocasionando sujeira nas casas das pessoas. A Sra. Mercedes presenciou também a era da exploração, e em seu terreno havia bastante árvores da espécie araribá (*Centrolobium robustus*) e comenta o que serrarias faziam com a madeira: “Eles usavam para fazer as tábuas, mas muitas tábuas eles tiravam daqui, fazia estaleiro e serravam com moto serra”.

No mesmo período havia intensa caça tanto para prática de esportes como para obtenção de carne para subsistência das comunidades. No local, era comum algumas famílias terem laços de amizade com os caçadores que hospedavam em suas residências. O porco do mato era bastante cobiçado pelas famílias da região que o utilizavam para fazer banha, linguiça e o chouriço do sangue; também vender os animais que eram capturados em armadilhas como: tatu, porco do mato, cateto, paca, veado, e pequenos animais como cutia, quati e os pássaros conhecido na região como jacu velho, macuco, jacutinga. A Sra. Mercedes comenta das pessoas que vinham de fora para caçar na região: “Tinha! Gente de fora, nesse tempo era livre né, tinha gente de fora chegava na casa; eu dizia (marido) não traga gente de fora pra cá; porque temos pouca cobertura”. O Sr. Olegário ao comentar do grupo que se instalou em seu terreno sem sua permissão diz: “vinha a turma lá de Colombo, tinham oficina mecânica muito grande e posto de gasolina, então, eles vieram com três e quatro ônibus, aí os guardas começaram dar em cima deles, ai eu disse pra eles: Vocês vão me desculpar, vocês não vem mais pra cá, porque vão me prejudicar, o único prejudicado vai ser eu, então, vocês fazem o favor e não venham mais”. Segundo Aroldo, as espécies mais procuradas eram:

História da ocupação humana e do uso da natureza na Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado (Morretes, Paraná, Brasil)

Gilberto Friedenreich dos Santos, Lizandro Nunes Fernandes, Cristiane Mansur de Moraes e Sousa, Martin Stabel Garrote.

“porco do mato, o tapêco, paca e depois pequenos animais menores, cutia, quati. O pessoal era muito dado a comer esses animais, matavam e caçava né para se alimentar. E depois o passarinho que é muito comum aqui que o pessoal gosta de caçar é o macuco, jacuntinga e o jacú velho”. A Sra. Mercedes recorda da época que seu marido ganhava carne de caça dos caçadores e trazia para ela preparar: “meu marido nunca vendeu, ele caçava para casa, né, [...] fazia assada, uma vez ele trouxe uma posta pra mim, eu fiz a posta de cateto né”.

A década de 1970 e 1980 foi o período que diversas famílias tiraram o seu sustento através dos recursos da natureza, por causa do retorno em dinheiro ser rápido, e a exploração intensa do palmito foi umas das alternativas para o rendimento das famílias. Atualmente é possível apenas encontrar palmitos nativos dentro das propriedades particulares ou em lugares na floresta com a topografia acidentada que não foram exploradas. A lei nº 9.985, de 18 Julho de 2000 que estabelece critérios e norma para criação, implantação e gestão das unidades de conservação com decreto nº4.340, de 22 de agosto de 2002 instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza, beneficiou o responsável pela gestão da unidade do estado a inibir as atividades de desmatamento na região, propiciando para o meio ambiente uma adequada conservação (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2006). Entretanto ainda é comum encontrar pessoas na área com o uso da prática da exploração clandestina. Segundo o Sr. Tônico Radtke (2010):

Com certeza, esses palmitos (*Euterpe edulis*) aqui, nasceram e nós não tiramos nada, às vezes tem gente que vem de fora aí tirar e eu corro com eles. A gente não tira nada pra preservar, a gente sabe que não pode. Tem nascido aqui também gabirola, araribá, a gente deixa tudo e se quiser trazer pra gente plantar mais a gente planta também. Os animais aqui também a gente trata com muito carinho e se vê caçador a gente até conversa, eles já sabem que eu não deixo matar os animais por aqui.

Na citação acima O Sr. Tônico Radtke¹¹ relata a importância de preservar as espécies remanescentes, e de pessoas que caçam clandestinamente na microbacia.

¹¹ Tônico Radtke, 67 (sessenta e sete) anos, morador da localidade de Candonga, aposentado.

4. Considerações finais

A pesquisa tem como foco a sociedade e sua relação com a natureza nas comunidades da microbacia hidrográfica do Rio Sagrado, analisando o processo histórico de ocupação humana (colonização) a partir do século XIX.

Nas fontes pesquisadas e nas entrevistas realizadas com os moradores mais antigos na região sempre esteve presente na história da ocupação e desenvolvimento das comunidades uma estreita ligação entre atividades econômicas e recursos extraídos da natureza. A região foi sendo ocupada e explorada em função da sincronia com relação aos ciclos econômicos regionais, como exemplo, nas décadas de 1970 a 1980, período que corresponde à intensa exploração madeireira. Na mesma época ocorreu uma intensa caça com finalidade tanto para a subsistência das comunidades, quanto para o comércio. Sem fiscalização a exploração dos recursos ocorreu de forma desordenada.

Atualmente, constata-se um processo de ocupação em várias áreas inadequadas, com a ausência da cobertura florestal em áreas íngremes, nascentes e margens de cursos de água devido a uma intensa exploração e uso dos recursos naturais desde a colonização da microbacia, e que comprometem a continuidade do desenvolvimento. A maior contribuição deste estudo está em informar as novas gerações sobre a vivência dos entrevistados com relação ao processo de desenvolvimento da região. As entrevistas com as pessoas mais antigas possibilitaram construir e compreender o processo socioambiental no campo, bem como sua relação de subsistência extraídas da natureza, conhecendo costumes e fatos históricos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. K. Arranjo Socioprodutivo de Base Comunitária: Um projeto piloto na comunidade do entorno da micro-bacia do Rio Sagrado Morretes, Paraná.** Dissertação de mestrado em Administração. Universidade Regional de Blumenau, 2008.
- ALVAREZ, E. Feria de Trueque y agrosistemas tradicionales: organización y generación de antecedentes para un diagnóstico participativo de las comunidades de Rio Sagrado.** Instituto Lagoe, 2008.

História da ocupação humana e do uso da natureza na Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado (Morretes, Paraná, Brasil)

Gilberto Friedenreich dos Santos, Lizandro Nunes Fernandes, Cristiane Mansur de Moraes e Sousa, Martin Stabel Garrote.

BABYLON. **Dicionário.** Disponível em <
<http://dicionario.babylon.com/puxir%C3%A3o/>>. Acesso em 28/10/2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FALK, V. C. **Políticas Públicas E/Ou Ações Institucionais: As Possibilidades Para O Desenvolvimento Das Comunidades Do Entorno da micro-bacia do Rio Sagrado Morretes Paraná.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Universidade Regional de Blumenau, 2009.

FEUSER, Shimene; MANSUR, Cristiane. **Análise dos fatores físico-naturais da comunidade Rio Sagrado de Cima, Micro-bacia Hidrográfica do Rio Sagrado.** Relatório Final de Iniciação científica, 2010.

FREITAS, Latuff Mercedes. Depoimento: Setembro, 2010. Entrevistador: Lizandro Nunes Fernandes; Blumenau: GPHAVI, 2010. Digital (53:00 min.) Entrevista concedida ao projeto “ História da Ocupação Humana e do Uso Da Natureza Na Bacia Hidrográfica Do Rio Sagrado (Morretes, Pr).

HENRIQUEZ, C.; MANSUR, C. DIAS, A. Diálogos Participativos em Desenvolvimento Sustentável: O Programa Diagnóstico Socioambiental Participativo Da Micro-Bacia Hidrográfica Do Rio Sagrado Morretes (Pr) – Brasil. In: XI COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRITICA, 9., 2010, Gestión de eventos de la Facultad de Filosofía y Letras. **La institucionalización del diálogo y la participación en la formulación de políticas territoriales.** Gestión de eventos de la Facultad de Filosofía y Letras: UBA, 2010, p. 1-15.

MANSUR DE MORAES, Cristiane; REFOSCO; Julio C.; SANTOS, Gilberto F. dos; AUMOND, Juarês J; SILVA JÚNIOR, Alcides T. da; GRIMM, Isabel J. Alternativa Comunitária de Conservação da Biosociodiversidade: indicativos de vulnerabilidade ambiental na microbacia hidrográfica do Rio Sagrado – Morretes (PR). In: Anais do V Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. **ANPPAS 10 Anos: avaliando os desafios teóricos e as novas agendas públicas.** Florianópolis, 2010.

MEIHY; Holanda. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação.** Brasília, 2006.

NETO, Carlos Alberto Gnatta. **Secretaria Municipal de Turismo.** Morretes, 2005.

PAULO, Deulíndio Maurício de. Depoimento: Junho, 2010. Entrevistadores: Lizandro Nunes Fernandes; Gilberto Friedenreich dos Santos. Blumenau: GPHAVI, 2010.

História da ocupação humana e do uso da natureza na Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado (Morretes, Paraná, Brasil)

Gilberto Friedenreich dos Santos, Lizandro Nunes Fernandes, Cristiane Mansur de Moraes e Sousa, Martin Stabel Garrote.

Digital (33:32 min.) Entrevista concedida ao projeto “ História da Ocupação Humana e do Uso Da Natureza Na Bacia Hidrográfica Do Rio Sagrado (Morretes, Pr).

RADTKE, Tônico. Depoimento: Outubro, 2010. Entrevistadora: Shimene Feuser. Blumenau: GPHAVI, 2010. Digital (67:00 min.) Entrevista concedida ao projeto “Monitoramento De Indicadores Socioambientais Territoriais Participativos Para O Desenvolvimento Regional Sustentável Da Microbacia Hidrográfica Do Rio Sagrado, Morretes (Pr).

SILVA, Olga Pereira da. Depoimento: Setembro, 2010. Entrevistador: Lizandro Nunes Fernandes; Blumenau: GPHAVI, 2010. Digital (33:34 min.) Entrevista concedida ao projeto “ História da Ocupação Humana e do Uso Da Natureza Na Bacia Hidrográfica Do Rio Sagrado (Morretes, Pr).

SILVA FILHO, Aroldo Paulo da. Depoimento: Junho, 2010. Entrevistadores: Lizandro Nunes Fernandes; Gilberto Friedenreich dos Santos. Blumenau: GPHAVI, 2010. Digital (67:00 min.) Entrevista concedida ao projeto “ História da Ocupação Humana e do Uso Da Natureza Na Bacia Hidrográfica Do Rio Sagrado (Morretes, Pr).

SOUSA, Olegário. Depoimento: Setembro, 2010. Entrevistador: Lizandro Nunes Fernandes; Blumenau: GPHAVI, 2010. Digital (36:30 min.) Entrevista concedida ao projeto “ História da Ocupação Humana e do Uso Da Natureza Na Bacia Hidrográfica Do Rio Sagrado (Morretes, Pr): Zona de Educação para o Ecodesenvolvimento.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Editora dos professores, 1968.

WOSTER, Donald. **Para fazer história ambiental**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 198-215.